

## CONTOS DA ÉPOCA HEIAN E A LINGUAGEM DE TRATAMENTO

*Tae Suzuki*

Com a transferência da capital, de Nara para Heian (atual Kyoto), em 794, tem início uma fase em que valores culturais largamente absorvidos da China, via Coréia, passam por um intenso processo de adaptação aos valores nacionais. Passara-se a fase de consolidação de um Estado japonês pautado em modelos administrativos chineses, com base na declaração das terras e do povo como bens públicos, regulamentados por um sistema de códigos, civil e penal, e administrados por um corpo burocrático cujos cargos eram atribuídos a membros da aristocracia segundo uma escala hierárquica de títulos.

Herdeira dessa fase da história, a época Heian – que se estende até a instauração do primeiro xogunato, em Kamakura, em 1185 – caracteriza-se, primordialmente, pelo domínio da aristocracia nos campos da política e da cultura, onde os padrões alienígenas, já assimilados, passam a se revestir de roupagem japonesa.

O modelo chinês de administração política é adaptado às necessidades e contingências da realidade japonesa, gerando uma série de revisões dos preceitos legais tendo em vista, de um lado, a correção do rigor imposto às normas de arrecadação de tributos e da distribuição de terras públicas e, de outro, uma melhor adequação da atribuição de títulos e cargos públicos às necessidades reais de administração.

No que tange à cultura, a época Heian vai dar contornos nacionais aos padrões culturais importados da China, por cerca de três a quatro séculos. Nasce a pintura *yamato-e* com seus traços, composição e perspectiva próprias. Cria-se o estilo arquitetônico *shinden*, com suas construções em alas circundando o jar-

dim com seu lago artificial. Desenvolve-se a escrita silabogramática *kana*, a partir da ideogramática chinesa, dando origem a várias obras, em prosa e poesia, que nascem das mãos da aristocracia, sobre o mundo da aristocracia, para o deleite da aristocracia.

Dentro de uma proposta de análise das implicações entre língua e sociedade, venho desenvolvendo um estudo diacrônico sobre o uso do tratamento nas várias fases da história japonesa e, com relação à época Heian, propus-me verificar as estruturas tratamentais apresentadas em obras da época, notadamente do período que vai dos fins do século X ao início do XI, fase que, segundo Kasuga Kazuo, é a mais rica em obras com usos tratamentais.

Uma vez que textos escritos constituem a única, embora nem sempre a melhor, fonte para se debruçar sobre o tema, a formação do *corpus* para a análise proposta se pautou, de um lado, em levantar os dados dentro de uma variedade de gêneros literários a fim de abarcar o maior número de realizações tratamentais que pudessem refletir um quadro mais amplo das implicações interindividuais no seio da sociedade da época e, de outro, em selecionar textos que privilegiassem o estudo da interrelação uso do tratamento/estrutura social.

Poemas, ensaios, contos e diários constituem os gêneros literários de expressão genuinamente japonesa mais produzidos nessa época. Neste trabalho, serão apresentados os resultados obtidos em estudos sobre as expressões de tratamento analisadas em contos, o *monogatari*.

### Monogatari, Contos da Época Heian

Tendo surgido no início do século X, o *monogatari* se desenvolve largamente durante o período Heian pelas mãos, principalmente, das damas da corte. Um fator de capital significado para seu desenvolvimento é o aparecimento da escrita *kana*, criada a partir de um estilo de caligrafia das mulheres da corte.

Por cerca de quatro a cinco séculos, as letras constituíam um privilégio dos homens no Japão. Embora seja difícil precisar a época da entrada da escrita chinesa no Japão, por volta do século IV a V, começam a surgir os primeiros documentos escritos pelos japoneses. Eram textos escritos em sintaxe e, naturalmente, grafia chinesa. À medida que os ideogramas vão sendo assimilados pelos japoneses, começam a ser criados textos em sintaxe japonesa mas com a utilização de ideogramas, ora considerando apenas seu aspecto fonético, ora o semântico. Surgem, assim, textos totalmente grafados em ideogramas que são por vezes, utilizados apenas como fonogramas, desprovidos de conteúdo significativo, para compor palavras de origem japonesa, outras vezes, dando-se-lhe a leitura japonesa da palavra com o sentido equivalente ao do original chinês.

Por volta dos fins do século IX ao início do X, o clã Fujiwara se impõe no cenário político, notadamente, através do casamento de suas filhas com os filhos do imperador, candidatos plenos à sucessão ao trono. Como avô materno do príncipe herdeiro que, com freqüência, foi estrategicamente colocado no trono

ainda criança, conquistou inicialmente o cargo de Regente (*sesshō*) do imperador-infante. Interferindo ativamente na administração do Estado, o clã Fujiwara foi habilmente consolidando seu poder, sem ameaçar a figura do imperador, mesmo depois de instituir e monopolizar o cargo de Grande Conselheiro (*kanpaku*) do imperador após sua maioridade.

Assim como os Fujiwara utilizaram suas mulheres como instrumento de consolidação de seu poder, as demais famílias da aristocracia fazem de suas filhas um meio para se conseguir a ascensão social. Uma escala de graus hierárquicos determinava os postos que essas mulheres podiam vir a ocupar na corte<sup>1</sup>, mas o domínio das artes mais requisitadas nos encontros palacianos como a música, a caligrafia, a composição poética, dentre outras, passa a ser uma das condições essenciais não só para fazer parte do seleto grupo da alta aristocracia, como também para ter suas virtudes artísticas reconhecidas e assim obter as graças, quiçás, até do imperador a quem poderiam dar um filho.

Dominar as letras, portanto, torna-se um requisito necessário para as damas da corte. As mulheres passam a ter acesso a uma arte até então exclusiva dos homens e, de suas mãos, nasce a grafia *kana*, originária de um estilo cursivo de caligrafia feminina e formada por fonogramas silábicos. Sanados os entraves que a escrita ideogramática impunha à expressão de estruturas próprias da sintaxe japonesa, com o *kana*, a expressão japonesa por excelência flui mais livre, dando origem a várias obras, inclusive de novos gêneros como o ensaio (*zuihitsu*), o diário (*nikki*) e o conto (*monogatari*). O aparecimento da nova grafia, no entanto, não substituiu o ideograma; ambos coexistem em textos de expressão japonesa e textos em chinês continuam a ser produzidos, notadamente em documentos oficiais.

### *Uso do Tratamento na Época Heian*

Na medida em que uma análise do comportamento tratamental, através de textos escritos, pressupõe a necessidade da maior gama possível de variantes contextuais, foram selecionados os seguintes contos:

1. *Utsubo Monogatari* – de autoria desconhecida, datado dos fins do século X, constitui a primeira obra de envergadura no gênero que, em seus vinte capítulos, apresenta uma variedade de enredos fragmentários, tendo como pano de fundo a vida de Minamoto-no Toshikage que, após um naufrágio, retorna ao Japão após vinte e três anos, trazendo da Pérsia os segredos da arte do *koto*, uma espécie de cítara japonesa de treze cordas. Embora a autoria deste conto seja desconhecida, especula-se que seja do poeta Minamoto-no Shitagō (911-983), sendo certo que nasceu de mãos masculinas;

1. Cf. Suzuki, *A Sociedade da Época Heian*, p. 140.

2. *Genji Monogatari* – considerado uma das obras-primas da literatura japonesa, este conto foi escrito, no início do século XI, por Murasaki Shikibu (978-1016), dama de companhia da imperatriz *chugu* Shôshi. Tendo tomado o *Ugetsu Monogatari* como modelo, o conto se apresenta melhor estruturado em termos narrativos, por seus cinqüenta e quatro capítulos, em torno da vida de Hikaru Genji – suas glórias e suas provações entremeadas pelas inúmeras mulheres que alimentaram suas paixões – desde o nascimento como filho do imperador e de uma dama de baixa hierarquia, fato que o leva a ser excluído da linguagem sucessória ao trono apesar de todas suas qualidades, até depois de sua morte, quando a trajetória da vida de Genji é relembrada em contraste com a de Kaoru, filho reconhecido como seu, apesar de gerado por Kashiwagi, filho de um arqui-rival de Genji.

Dado que o objetivo deste trabalho não era o de realizar uma análise exaustiva das formas de tratamento empregadas nesses contos, mas o de obter dados para uma reflexão sobre o comportamento tratamental da época Heian, foram selecionados alguns de seus capítulos com uma gama variada de fatores contextuais, onde pudessem ser encontradas diferentes relações interpessoais. Assim, em *Utsubo Monogatari* foram analisados os usos tratamentais levantados nos capítulos sobre a princesa Atemiya, jovem de rara beleza, que recebe propostas de casamento de nobres de hierarquias diversas. Em *Genji Monogatari*, foram basicamente trabalhadas duas fases da vida de Genji: a primeira, até cerca de seus vinte anos, quando iniciava sua vida na aristocracia como nobre de alta linhagem mas de média categoria, por iniciativa do próprio pai, o imperador, que lhe atribui um nome de família ao excluí-lo da linha sucessória; a segunda, por volta de seus quarenta anos, quando Genji já recebera o título de *jundajô-tennô* (concedido a pais de imperador que nunca tenham ascendido ao trono), depois de ter ocupado o cargo máximo da hierarquia burocrática, Ministro Supremo dos Negócios do Estado (*dajôdaijin*).

Assim como a hierarquia social era o fator predominante na definição do uso do tratamento e, portanto, no relacionamento entre as pessoas da época Nara, a sociedade Heian continua fazendo da posição hierárquica dos indivíduos, na escala social, um fator marcante da determinação de usos tratamentais. Assim, por exemplo, o imperador e membros diretos de sua família (príncipe herdeiro e esposas oficiais) recebem as formas tratamentais mais respeitadas, inclusive com uma considerável diferença de carga tratamental entre o imperador e demais membros da família.

Tais cuidados se manifestam mesmo entre os autores que, ao se referir a suas personagens nas partes narrativas, atribuem alguma forma de tratamento apenas aos nobres da alta aristocracia (isto é, ao imperador e *kandachibe*, nobres de grau III), dispensando-a para os *tenjôbito* (nobres com direito de acesso à parte principal do palácio e, portanto, de se apresentarem diante do imperador) de baixa categoria e para os senhores de província (*zuryô*).

No entanto, aquelas hierarquias sociais que, durante a época Nara, eram

rigorosamente observadas para a atribuição de tratamentos, aqui começam a ter uma interferência relativizada conforme os contextos situacionais. As considerações aqui levantadas se baseiam em realizações tratamentais ocorridas em contos, diferentemente do que foi feito com o tratamento da época Nara, analisado a partir de suas ocorrências em poemas que constituíam, então, um meio de comunicação entre os homens, sendo comum ter um destinatário determinado, a quem o autor confessava suas paixões, revelava suas angústias e preocupações, proclamava suas intenções. A partir de Heian, no entanto, esses poemas passam a ter um tratamento diferente, distanciando-se do indivíduo e se tornando uma expressão de valor estético-poético puro, onde paixões continuam sendo declaradas, turbulações íntimas sendo reveladas mas, agora, tomadas como objeto, como algo mais distante do poeta a ser objetivamente colocado. Isto talvez explique o desaparecimento ou quase desaparecimento das expressões de tratamento em sua linguagem, razão pela qual os poemas não foram aqui levantados.

Há que se considerar que aferir diferenças de comportamento tratamental, através de gêneros tão diferentes como o poema e o conto, corre seus riscos uma vez que o primeiro, como já foi dito, freqüentemente tinha um destinatário determinado a quem o autor revelava seu interior em um dado momento, em um dado estado, em uma dada circunstância, enquanto que os contos levantados constituem obras de ficção, em que o autor descreve ou relata fatos decorridos numa certa extensão de tempo, a leitores anônimos. Guardadas as devidas medidas, entretanto, constatam-se alguns usos que delineiam mudanças no comportamento social que estes possam refletir.

Fatores contextuais passam a exercer forte influência para a definição das formas tratamentais a serem empregadas em um dado contexto. Mudanças de condição ou de situação, presença de terceiras pessoas e seu *status* social, situações de favor ou de dívida, entre outros, são alguns desses fatores constatados como intervenientes no comportamento tratamental da época.

Assim, por exemplo, Koremitsu, filho da ama-de-leite de Genji e seu mais fiel servidor, ao ser incumbido da tarefa de descobrir a identidade de Yugao (nome atribuído à jovem misteriosa de quem Genji esconde sua identidade, em função de *yugao*, uma espécie de campânula, que floria no jardim de sua modesta casa) por quem Genji começara a demonstrar interesse, refere-se a ela com displicência enquanto a tem como apenas mais um dos desvários passionais de Genji, mudando a forma de tratá-la à medida que descobre a sinceridade dos sentimentos do amo. Podemos citar também o fato de Genji se dirigir com formas de leve respeito diretamente à Yugao, mas a ela se referir sem expressões de tratamento diante de terceiros, ou ainda, o caso do príncipe Kamusuke, em *Utsubo Monogatari*, que usa formas de respeito para o servo de baixíssima categoria que lhe ensina como conquistar a disputada Atemiya.

O *status* social deixa de ser um atributo do indivíduo que o acompanha em toda e qualquer situação. Embora ainda seja um forte parâmetro para definir a atribuição de formas de tratamento, a hierarquia passa a ser relativizada e

equacionada de acordo com o contexto em que se inserem as pessoas em um dado ato de comunicação, seja este direto ou referido.

Na mesma perspectiva, ocorre um declínio do uso do auto-respeito pelo imperador. Nos textos levantados, não se constatou nenhum registro de auto-referência do imperador por meio de expressões de respeito, apesar da referência que os autores fazem ao imperador, através das formas mais respeitosas de tratamento, tais como o emprego de verbo de respeito acoplado a verbo auxiliar de respeito (ex: *oboshi + mesu*) ou partícula formulativa de respeito acrescido a verbo de respeito (ex: *oose + raru*). Mesmo que se leve em conta o fato de serem obras de ficção, em que imperadores são tratados como personagens e, portanto, o autor tem mais liberdade de manipular a forma de expressão para ser a eles atribuída, tal fato atesta que a época já aceitava o não-uso do auto-respeito pelo imperador que, diga-se de passagem, continuava a ser a forma de tratamento empregada em documentos oficiais. Passados mais de três séculos desde que se iniciara o processo de divinização do imperador, sua autoridade como representante máximo e incontestável da nação já se consolidara, não havendo mais necessidade de se asseverá-la de modo absoluto, a todo e qualquer instante.

Não só se torna mais dinâmico o mecanismo de uso do tratamento, como também novas formas lingüísticas se desenvolvem como que para cobrir suas realizações. Se na época Nara, o tratamento tinha uma estrutura relativamente simples, onde predominava o uso das chamadas expressões de respeito<sup>2</sup>, na época Heian, em primeiro lugar, aumenta consideravelmente o uso das expressões de modéstia, já conhecidas e utilizadas na época precedente, contribuindo, assim, para definir com mais clareza a intrincada rede de relações interpessoais que se estabelece a cada contexto de situação.

Como decorrência desse fenômeno, formas rudimentares de tratamento pelo qual o enunciador, na qualidade de dono do discurso, expressa uma consideração diretamente ao enunciatário, sem passar por uma avaliação e ponderação das diferenças ditadas por circunstâncias próprias do contexto, começam a se desenvolver a partir das expressões de modéstia. O verbo *haberi*, por exemplo, originalmente com o sentido de “acompanhar o senhor, ficar junto ao senhor para servi-lo”, deixa de ser um verbo exclusivo de modéstia para passar a ser empregado:

1. com o sentido de “haver, estar”

Ex.: *Kano furusatoto [...] tonari shigeku togamuru satobito ooku haberamuni [...]*

*Genji Monogatari*, cap. “Yugao”

(Naquelas terras [...] há muitas pessoas que destratam os vizinhos [...])

2. como um verbo auxiliar em enunciados que não comportam agentes ou pacientes da ação verbal a quem dirigir uma deferência.

2. Cf. Suzuki, *A Era Nara e o Tratamento*, pp. 134-5.

Ex.: *Imamade tomari haberuga ito ukio* [...]

*Genji Monogatari*, cap. “Kiritsubo”

(Como é doloroso *viver* até os dias de hoje [...])

Essa nova forma de emprego das expressões de modéstia ainda é muito precária, confundindo-se bastante com o sentido veiculado por suas formas de origem. É o que se verifica no exemplo dado acima para o uso como verbo auxiliar, onde *tomarihaberu*, “viver”, pode constituir expressão de modéstia se considerada como ação praticada pelo próprio enunciador, ou uma expressão de polidez pela qual o enunciador apenas transmite polidamente uma opinião pessoal sobre um fato da vida.

A fase de transição de um uso para o outro gera, por si mesma, uma série de dificuldades para sua definição. Morino Muneaki, por exemplo, considera que existia, na época Heian, expressões de auto-respeito, nas formas de modéstia que o enunciador superior emprega para ações praticadas por actantes inferiores a ele próprio no discurso. Citando um de seus exemplos, temos:

*Ito yoku mooshi tari*. (Disse-o muito bem.)

(*Utsubo Monogatari*)

A frase constitui uma fala do *chûnagon* Nakatada, em que ele se refere ao ato de “dizer” praticado por um casal de baixa categoria, morador das cercanias da mansão de seu falecido avô Toshikage, uma das personagens centrais do conto. Ao atribuir uma expressão de modéstia para a ação de dizer do casal, Nakatada estaria, segundo Morino, valendo-se do casal de hierarquia bastante inferior à sua, para se atribuir um tratamento respeitoso e, assim, asseverar a distância social que os separa. A meu ver, este emprego do verbo de modéstia *moosu*, “dizer”, atesta, exatamente, a passagem de seu uso como modéstia para o de polidez, pois o auto-respeito constituiu um tratamento exclusivo do imperador, usado por ele para suas ações e sua pessoa, como forma de asseverar sua autoridade.

Por outro lado, não só aumenta a freqüência de uso das expressões de modéstia, como também surgem formas em que elas são acopladas a expressões de respeito. Constituem formas de tratamento que permitem ao enunciador expressar, através de uma única forma lingüística, sua consideração por dois actantes com diferentes níveis de relação contextual.

Seja dado o exemplo:

*Mihashino motoni mikotachi kandachibe trsuranete rokudomo shinajinani tamawaritamau*

(Junto aos degraus da escada do *shishinder*<sup>3</sup>, príncipes e *kandachibe* em fila recebem os prêmios, de acordo com as respectivas hierarquias.)

(*Genji Monogatari*, “Kiritsub”) )

O verbo *tamawaritamau* é composto do verbo de modéstia *tamawaru*, “receber”, e do auxiliar de respeito *tamau*, originariamente um verbo de respeito

3. Uma construção da parte central do palácio imperial, situada na parte anterior voltada para o sul e de frente ao portal principal.

com o sentido de “atribuir”. No exemplo dado, o enunciador (no caso, o narrador) expressa sua consideração pelos príncipes e *kandachibe*, nobres da mais alta hierarquia, acrescentando o auxiliar de respeito *tamau* ao verbo “receber”, de cuja ação são os pacientes, ao mesmo tempo em que estabelece, no discurso, a diferença hierárquica entre eles e quem lhes dá o prêmio, o imperador.

Esses tratamentos duplos permitem a expressão concomitante da consideração do enunciador por actantes diversos, respeitando as diferenças sociais porventura existentes entre eles, por meio do emprego de expressões de modéstia e de respeito para, com aquelas, marcar a distância entre o paciente inferior da ação e o agente superior e, com estas, dirigir-lhes igualmente sua consideração. Essa nova forma de tratamento permite ao enunciador traduzir mais fielmente as tensões estabelecidas no contexto entre as pessoas implicadas, em palavras que, tendo cada qual sua função e destinatário certos, expressam plenamente a civilidade de seu usuário na medida em que contempla um e outro com as devidas atenções.

A sociedade Heian se desenvolveu sobre os alicerces fundados na época Nara, quando se vivia ainda o processo de estruturação e de consolidação de um poder centrado no imperador. A partir dos dados aqui levantados, podemos aferir, em primeiro lugar, que pelos meados da época Heian, a autoridade do imperador como representante da nação já se via bastante consolidada, haja vista o desaparecimento das formas de auto-respeito usadas pelo imperador. Por outro lado, até onde permitem concluir os dados levantados em contos da época, as hierarquias sociais se estruturavam em uma rede intrincada de relações refletidas em formas mais ricas e mais elaboradas de tratamento, que procuravam dar conta das diferentes relações inter-individuais estabelecidas no meio. Como também já foi dito, obras de ficção permitem uma manipulação mais livre das personagens, um enquadramento mais livre dessas personagens em contextos situacionais, que nem sempre podem ser o reflexo fiel de fatos da realidade. Mas não deixam de ser espelhos de uma realidade e, como tais, constituem indícios do comportamento tratamental da época que pretendem ser averiguados, em uma outra etapa do trabalho, em confronto com usos tratamentais em outros gêneros de textos.

### *Bibliografia*

- ISHIZAKA, Shôzô. “Jôdaino bungakuto keigo” (“O Tratamento e a Literatura da Antigüidade”). In *Keigo (Linguagem de Tratamento)*. Tóquio, Kôdansha, 1969, pp. 15-28.
- KASUGA, Kazuo. “Keigono Hensen (1) – Jôdai keigoo chushinni” (“O Desenvolvimento Histórico do Tratamento 1: o Tratamento da Antigüidade”). In *Iwanami Kôza Nihongo 4 Keigo (Coleção Iwanami “Língua Japonesa” 4 – Linguagem de Tratamento)*. Tóquio, Iwanami, 1988, pp. 98-116.
- MIYAJI, Yutaka. “Genji Monogatari, Makurano Sôshino keigo” (“O Tratamento em *Genji Monogatari* e *Makurano Sôshi*”). In *Keigo Kôza 2 – Jôdai. Chukono keigo (Coleção Linguagem de Tratamento vol. 2 – O Tratamento da Antigüidade)*. Tóquio, Meijishoin, 1973, pp. 73-115.



- MORINO, Muneaki. "Kodaino keigo" ("O Tratamento da Antigüidade"). In *Kôza Kokugoshi 5 - Keigoshi* (Coleção História da Língua Japonesa, vol. 5: Linguagem de Tratamento). Tóquio, Taishukan, 1971, pp. 97-182.
- SAKURAI, Mitsuaki. "Kodai keigo shiron" ("Reflexões sobre o Tratamento da Antigüidade"). In *Keigo ronshu - kodaito gendai* (Pesquisas sobre a Linguagem de Tratamento: Antigüidade e Época Contemporânea). Tóquio, Meijishoin, 1981, pp. 114-39.
- SUZUKI, Tae. "A Era Nara e o Tratamento". In *Estudos Japoneses* n. 11, São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, 1991, pp. 121-40.
- . "A Sociedade da Época Heian". In *Estudos Japoneses* n. 12. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, 1992, pp. 133-42.